



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

DIRECTOR E EDITOR:

Padre Américo

Redacção, Administração e Propriedade:
Casa do Gaiato de Porto—Paga de Avança

Vales do Correio para Cete

Composição e Impressão—Tip. da Casa
Nun' Alvaros R. Santa Catarina, 628-Porto

Preço 1000

VIAGENS

FUI a Coimbra. Desta vez tomei o rápido para poupar o Morris. Já vai nos cinco mil e quê. Se não tenho mão, brevemente me verei forçado a pedir outro Morris! Não tinha marcado lugar, mas encontrei um em branco e fi-lo meu. Estava sentadinho e muito regalado, quando um senhor novo e bem parecido se senta ao pé de mim. *Good day father.* Fiquei admirado. Era um cidadão americano. Sabia tudo da nossa obra. Falou, falou, falou. Delirou com a divisa *obra de rapazes para rapazes pelos rapazes*. Relatou que um dos Presidentes dos Estados Unidos, decretara uma republica do povo, para o povo pelo povo. Ele disse o nome desse Presidente, mas eu não o fixei. A memória desculpa-me, mas a ignorancia não. Eu devia saber mais. Mais coisas da história da humanidade. Tenho pena de não saber.

A's horas, estava o rápido em Coimbra. Dei um salto a Miranda, onde vi tudo na costumada *desordem*. Lá como aqui e em Lisboa, andam obras. Andamos a levantar casas, para recolher monumentos.

Monumentos de incúria nacional. De novo em Coimbra. Padre Adriano mais eu fomos vêr a casa que se destina ao Lar do Gaiato. Sim. Alugamos e vamos povoar. Temos rapazes em Miranda já amadurecidos. E' preciso coloca-los no comércio e na industria. Outros dão para os estudos. Uns e outros tem de ser atendidos conscienciosamente. Ao regressar a casa, Padre Adriano adianta duas falas: *Tantas dificuldades que já tinhamos e agora mais esta. Mais um encargo.* Ele tem razão. Ao homem é dado gemer. Mas há outra razão que se levanta mais alto, a saber: a necessidade do Lar. Diante dela, não se genie. A criação de lares para os rapazes, é a *necessidade imperiosa* das casas do Gaiato.

Ninguém constroi casas e se o faz não as dá por completas sem o telhado. Os lares, são a cupula das nossas casas. Ouvi há dias do próprio Ministro das Obras Publicas que Salazar dissera: *por sermos pobres, devemos edificar forte e bem.* Ora se isto é verdade quanto a monumentos de pedra e cal, que dizer dos de carne e ôsso—e alma. Alma! Aqui é que está. Mais. A nossa obra está formando opinião. Ela é escola normal. Temos dado tanta verdade ao publico que já não podemos fugir a ela. Que diriamos nós à nossa consciencia ou os homens à sua, se amanhã apparecesse à porta de alguém, um rapaz que foi da Casa do Gaiato, a implorar, por abandonado! Que valor teriam a beleza das nossas aldeias, o estilo do nosso jornal, os milhões dispendidos, os sacrificios pessoais, as esperanças formadas, as lágrinias vertidas, os suspiros das almas—que valor teriam?!

Tudo isto seria a morte, se a Obra da Rua não pagasse totalmente o que deve a cada rapaz da rua: *fazer dele um homem.* Sim, Padre Adriano. Uma nova dificuldade a juntar às mais que temos, mas se tu, no teu caminho, descobrires outro mais suave por onde se salvem almas, vem aqui dizer-me.

Sim. Toda a assistencia que não cura da alma do assistido, é uma palavra ôca. Aqui o segrêdo. Aqui as canseiras. Aqui os lares. Eu tenho vergonha de dizer qual a percentagem de raparigas que resolvem ir pelo livro, por não terem um lar que as receba à saída dos tais asilos. Eu quizera que esta palavra e seus metodos fedêssem. Quizera que tabuletas e regulamentos fôssem enterrados e a terra salgada.

Não valem meias tintas, na formação das almas. Não podemos adormecer com o doce pensamento de que muita coisa boa se faz e muito pior seria se não existissem asilos. Isto é verdade, mas não é *toda* a verdade.

UMA FESTA NO

COLISEU DO PORTO

ESTAVA pra ser na véspera de Santo António, mas por via das «Capas Negras» ficou para o dia seguinte, não tendo, contudo, perdido nada do brilho e do valor que os *tripeiros* lhe quizeram dar. A festa esteve toda nisto mesmo. Uma casa cheia, a suspirar. O Porto a marcar presença. Esgotou-se a bilheteira! Fôra eu artista, que havia de pintar aqui a mulher da parábola, inundada de alegria, a berrar da janela a noticia de haver achado a moeda doiro que perdera. Tinha dez em seu poder, mas não contavam tanto como aquela. A perdida é que era a moeda. Por ela daria a vida. Foi essa que ela topou. *Alegrai-vos!* A janela rasgada foi mirante. Ora eu gosto muito de ver os factos e dá-los a conhecer à luz do Evangelho. Não há sombras porque não há corpos. E' tudo luz.

E' desta maneira que todos nós devemos ver e compreender a festa do Coliseu. *Era tudo gente a suspirar*, como aqui em casa me declarou um dos nossos. Moedas perdidas! Moedas doiro, oiro nosso, perdidas nas entulheiras e hoje recuperadas. *Alegrai-vos!*

Aquêlê suspiro das almas presentes, dizia isto mesmo. Sim; quizera ser pintor! Tantos artistas teem pisado o palco do Coliseu. Tantos! Tamanhos! Paga-se um rôr de os ouvir. Agradam. Impressionam, sim. Porém, naquela noite de festa, aparece o Bucha a cantar ò tio Marcolino e chora-se. O General toca castanhetas e chora-se. O pastor assobia como faz aqui às ovelhas e chora-se. O Ernesto apresenta os do campo, o Lucio os da erva, o *Chegadinho* os cozinheiros, o Norberto os roupeiros, o Xanxaxé os das Casas, o António os que já ganham.

O Manuel, os das oficinas. O Teles, os da Casa do Porto. O Lisboa, os da Casa de Miranda. O Herlander, os do Lar de Coimbra;—e o povo chora! Mal um pequenino entra no palco, antes mesmo que se oiça nada do que ele vai dizer, já as almas fervem, só de o verem entrar! Porquê? Moedas perdidas! Moedas doiro. Oiro nosso. Mais luminoso o caminho do regresso a casa, para todos quantos ali estiveram! Da Régua e da Murtosa, havia gente! Fora da porta, havia camionetes dos arredores da cidade. *Alegrai-vos, que eu encontrei a moeda*, diz a mulher da parábola. As parabolás do Mestre, são balas de vida. Escondem a vida. *A Vida.*

Nós sómos todos, por adopção, filhos de um Pai comum. Ainda mesmo que isto não fôsse doutrina certa, tê-la-ia revelado a festa daquela noite, com *toda a gente a suspirar*. Se filhos, herdeiros. Se herdeiros, irmãos.

Quizeram que eu fôsse ó palco. Eu achava que não fazia ali falta nenhuma; estavam lá os da festa. Mas o povo bradava, eu não tive outro remédio senão aparecer. E' a minha cruz. A Cruz!

P. S.—Recebeu-se dos Restauradores este telegrama: *Lisboa assistiu em es-*

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

Cantinho dos rapazes

O cantinho de hoje é para ser lido e meditado pela chamada classe dos grandes, em nossas casas. Para ser ainda mais claro, êle é destinado aos dos nossos que andam actualmente a passar e a sofrer o cabo das tormentas. As tormentas da idade. Sofrer, sim. Digo bem. Cada um de vós, sempre, mas principalmente nesta altura da vida, tem de sacrificar-se. De dar alguma coisa de si mesmo, afim de não cair na desgraça de trocar o que quer que seja pelo seu dever. Este dever, não é uma divida de dinheiro. E' uma divida à nossa Obra, à sociedade, a ti mesmo... e a Deus. Sim, meus filhos. E' bem um cabo de tormentas a tua vida de hoje, nessa tua idade, mas não tenhas medo. Jesus Cristo vai na barca. Assegura-te, em nome d'Ele, a bonança, a seu tempo.

Vigia-te. Vigia-te. Vigia-te. Coisa terrivel é gozares a liberdade de saires sem companhia aos domingos, porque podes muito bem supôr que vais só, para fazer aquilo que te apetece, e não é assim. Vai contigo o teu juiz e este é justo. Cautela! Mais. Este juiz mostra-te os caminhos; diz-te, por uma palavra interior, qual é o bom e qual é o mau, sim, mas deixa-te a liberdade de escolher e tomar o que tu quizeres. Esse juiz chama-se a consciencia. Podes, ao chegar a casa e se fôres perguntado, dizer uma mentira muito bem armada. Podes, sim. E' mais uma desgraça a juntar a outras. Mas o que tu não enganas é o juiz, que foi contigo. E com êsse, meu filho, é que tu tens de andar sempre bem. Ele é o teu companheiro certo e immediato. Nos trabalhos, nos jogos, no leito. Aos vinte; aos cincoenta, à hora da morte, êle está. Nunca te larga. Cautela! Por isso mesmo, sabe-o tu, meu filho, e saibam-no todos quantos nos leem. Nós não temos pessoal nem é da nossa vontade espreitar ninguém. Os pequeninos, sim. Os

Do que nós necessitamos Os nossos batatais

TRATA-SE hoje de uma coisa muito util e muito séria, que vem a ser uma máquina.

Máquina de costura. *Uma máquina industrial*, para usar a denominação do mestre sapateiro. Sapateiro não é bem. Os sapateiros, agora, não querem ser sapateiros de modo nenhum.

Teem-se e querem ser chamados industriais de calçado. Seja como fôr, a máquina é para a nossa oficina de sapateiro e desta sorte, evitar os grandes sarilhos que constantemente se levantam nas de alfaiate, portas a meio com os sapateiros. Porquê? Porque temos *sòmente* uma *máquina* para serviço das duas colectividades. Ora tem acontecido ir o alfaiate cosêr na hora em que ali está o sapateiro a fazer o mesmo e vice-versa, e está tudo dito...! Para atenuar um bocadinho êste grande inconveniente, tem-se ido á rouparia, solicitar uma *Husqvarna* que ali temos, mas o *Periquito*, ocupa ali as horas em que não tem fregueses na sua loja, e os sarilhos são então de mais elevadas proporções. A *máquina industrial* que já cá temos, também é uma *Husqvarna*. Um fogão eléctrico que funciona na cozinha do nosso hospital, idem. De sorte que, para simplificar e como já temos a garantia d'aquela marca, só tens a maçada de dar uma telefonadela aos agentes do Porto (o numero vem na lista) e eles, os agentes, já sabem como hão-de fazer. Eles sabem, até, qual o numero da que veio ha tempos e por êsse se podem governar. Tudo facilidades. A dificuldade será, sòmente, a de passar o cheque, mas a verdade é que para a maior parte dos homens constitui alegria verdadeira, aquilo que para um número reduzido é desgraça. Com esses ninguem conta. São doentes, e que doença! Ora aqui está o meu recado. Espero na volta pelo teu. Muito convém não meter mãos á obra sem primeiramente procurar cada um informar-se se já temos a máquina desejada.

Se tivermos uma, *não podemos* aceitar outra. A primeira máquina de costura que em Coimbra pedi, para a Casa de Miranda, trouxe cinco máquinas. Vi-me e desejei-me para colocar quatro delas. E' muito arriscado dar a um pobre uma coisa de valor! E acabou, por hoje. Mais um peditório de azeite que fizeram em uma vila de Portugal, onde colheram 50 litros dêle. Foi no Douro. Azeite do Douro. Mais uma máquina de repar, prá loja do *Periquito*. Mais um senhor que veio cá de propósito tomar medidas para a banquetta.

A oficina está um primôr de arranjo e de luz; e agora é que vai ser! Estava. Ontem fui dar ali com uma nota desagradavel. Os jogadores de todos os clubes colados no imaculado das paredes!

—Oh, Periquito!

—Deixe lá; Tenho fregueses de todos os clubes!

Mais envelopes e coisas boas, no *Espelho*. Mais roupas usadas de vários pontos do reino d'aquem e d'alem. Mais 9 quilos de açúcar de Moçambique. Por falar em açúcar e em Moçambique, deixo aqui recado áquele assinante de Luanda, que se propõe dar uma oferta de um saco de açúcar, que o não faça. Que o não faça. Que eu agradeço como se o fizera, mas que de maneira nenhuma o faça. Tenho mêdo. Tantas voltas levou um saco que nos quiseram enviar da Província de Moçambique; êle alfandega, êle Intendência, êle despacho, ele atestado de uma coisa e outra. Tantas e tais voltas, digo, que quando o açúcar chegou á nossa casa, amargava! Mais um recado para êste assinante, agora em Luanda, nosso amigo de Coimbra:

Li a sua carta. Compreendo a sua amargura. Que o Senhor das tempestades abrande! *Quem é este, a quem os ventos obedecem?*

Com referencia á encomenda postal dos nove quilos de açúcar de Moçambique esses quilos sim. Estes que venham. A gente recebe aqui na estação de Cete, mediante o pagamento de direitos e outros termos. Mas recebe sem trabalhos e o açúcar é muito docinho. Mande. Continue a mandar. Outra vêz a *Senhora do Luciano* deu 100\$00 ó O'scar, por uma intenção determinada e já cumprida. E que se dê aqui noticia. Cada vez admiro mais a sabedoria desta senhora. Parece que já teve uma Casa do Gaiato, com muitos Gaiatos, de tão bem que os conhecel...



Batatas são amparados, vigiados, acautelados. Os da vossa idade, perdem, com os anos, êsse privilégio. Ampara-te. Vigia-te. Acautela-te. Se o não fazes, sofres tu mesmo as consequências.

Mais 500\$ dos Empregados do Instituto do Vinho do Porto, em memória de um colega falecido. Hoje, fiz memória dele no altar. Todos os dias faço no mesmo sitio memória dos nossos amigos vivos e defuntos. Eu sou deles. Mais retirado do *Espelho* uma pancadaria de coisas e de envelopes com boas noticias. Mais nas ruas do Porto, chuva num dia de sol. Chuva de moedas e de notas. E' a *Obra da Rua* que passa! E' a verdadeira alegria nas almas. A comoção. A fogueira.

O nosso *Morris* encontrava-se na Garagem Passos Manuel a lubrificar. Esta palavra é nova nos meus conhecimentos. Muitos outros tenho aprendido, desde que ponho os pés em automovel nosso. Aprender até morrer, ensina o povo. Pois estava sim senhor, quando me foi anunciado que, de futuro, o dito carro tem ali cama, mesa e roupa lavada. Foram dadas instruções neste sentido, á minha frente, a um senhor que risca naquele sector, por um outro Senhor que risca neles todos. *Tudo de graça.*

—Oleos também?

—Tudo!

Eu tenho que o *Morris* da Casa do Gaiato é o carro mais importante e mais falado dos nossos tempos. Nem os *espadas* dos senhores! E' que, na sua humildade de 10 cavalos, sòmente, êle é o condutor de tésouros preciosos, até aqui desconhecidos! Ele é o entusiasmo, e a alegria e o estímulo de prémios... e de castigos, E' o nosso carro.

Só até ali abaixo; até ao portão! Eis a supplica, quando o carro se prepara para sair. A supplica dos poderosos. Não há ninguem no mundo que tenha mais poder do que a creança. Quanto mais pequenina, mais poder. Quanto mais infeliz, mais poder. Assim o disseram dois mil e quinhentos homens no Coliseu, todos de pé, com lágrimas nos olhos! Não sou eu que o digo. Eles é que o disseram. O *General* mai-las suas castanhetas, por ser o mais pequenino de todos, foi também o mais poderoso daquela hora. Hora de labaredas. Mais um saco de batatas. Mais 100\$ do primeiro ordenado de Raquel. Mais 20\$ e mais outro tanto, da mesma origem. Mais as despesas astronómicas de vestir e alimentar a nossa tropa e as de construir simultaneamente em Paço de Sousa, Miranda e Loures. Nunca se viu no mundo tanto arrôjo nem tanta confiança no que se está fazeudo. Tão pouco os portugueses jamais esperaram tanto de alguém, como esperam hoje de nós!



Correspondencia

Cheia de feliocidade envio-lhe esse novo assinante, um rapaz, colega do meu filho que sempre se considerou *ateu*, e que ainda há bem pouco me dizia—que nunca poderia ser católico—nem admitia Padres, etc.. Metilhe na algibeira o querido jornalinho, para que ele o lêsse. Ficou encantado, Mandou-me dizer que assim também queria ser católico. Como os católicos teem culpa de tantas almas não amarem a Deus! Tornei a mandar-lhe outro e agora gentilissimo, pede-me para ser eu a torna-lo assinante. A alma deste rapaz vive hoje numa luta tremenda! Perdeu a Mãe que ele amava tanto! Quere a luz e ninguem lha dá. O pobresito lê já todas as noites o *Evangelho*. Apesar de estar no meio de rapazes de ideias comunistas!

Até aqui, aparece o que é de publicar, de uma carta que tenho sobre a mesa de trabalho. Fala do rapaz que vive hoje uma luta tremenda, por ter perdido a sua Mãe. Maior deve ter sido a luta da mãe com a morte, com mêdo de perder o seu filho. Esta reciprocidade é que dá ao Orfão a dôr que ele hoje experimenta e o desejo que tem de luz. Dai, a lêr o *Evangelho!* Lê já todas as noites o *Evangelho*. Até aqui, digo, a carta de interesse por um novo assinante que sempre se considerou um *ateu*. Agora, fala o *ateu*:

Tive a agradável surpresa de receber «o nosso jornal» e do coração lhe agradeço as palavras que teve a bondade de o fazer acompanhar.

Qualquer coisa que pudesse dizer referente á obra do Padre Américo, seria grosseria; não há palavras—o jornal é como o prelúdio dum sonho—sobretudo por ser uma realidade no nosso país. Felizmente as varias pessoas a quem eu tenho dado a lêr—algumas de mui variadas ideias—me dizem o mesmo, inclusivé um colega que se diz *ateu!* Em

Promanaram instruções naquêlo tempo acerca do perigo de se lançar á terra a batata americana, como semente de batatas. Eram instruções do Governo ao povo. Mas o povo tem medo do Governo. Desconfia. Não acredita nas suas falas e não fêz caso do aviso. Semiou batatas americanas e temos o escaravelho nelas. Aqui em casa ainda não. Todos os dias vou examinar. Fizemos sementeira para vinte toneladas. Que jeito ou que falta, consoante a sorte que tivermos! Por isso, todos os dias cato. Estremeço de ouvir que fulano e sicrano têm os seus campos atacados, e aqui tão perto... Vamos a vêr.

Sim. O povo das aldeias tem medo. Para a nossa gente do campo, o governo é a Fazenda. A repartição de Finanças na sede dos concelhos. Em todas as sedes de todos os concelhos. E' para lá que êle, o nosso povo, acarreta todos os anos o que tem e o que não tem. E' lá que êle é recebido e espera as falas dos senhores que lá trabalham. O dinheirinho vai embrulhado no lenço de assoar e êste metido no bôlso de dentro do colête. Foi contado á lareira ontem á noite, depois dos filhos terem ido para a cama! E' dinheiro sacrificado de um povo castigado. O povo tem mêdo. Quando por aí passou a praga dos supostos fiscais de grêmios, mais mêdo. Aonde os perigos, aí os receios. Esses tais eram e são um perigo social.

De uma vez, em determinada terra, eu aconselhei alguém a pedir documentos, quando viessem fiscais. Dai a pouco tempo, o homem vem chorar a pé mim: *Não era fiscal. Era um comilão. Foi uma comedela.*

—Que é que eu lhe disse, homem?

—Pois sim, mas a gente tem mêdo!

O nosso povo tem mêdo. Eu também. Era de uma vez eu a comprar uma pequenina quinta por quarenta contos. O vendedor forneceu-me a nota do prédio e eu fui com ela á Repartição de Finanças do Concelho. Foi ali que eu soube que não há palmo de terra, desde Melgaço a Vila Real de Santo António que não esteja matriculado. A quinta que eu acabara de comprar estava matriculada em artigos, cada um com seu numero, limites e o mais. Era um livro muito grande e muito coçado. Vinha lá tudo. Declarei 40 contos, paguei consoante e desandei pela porta fóra.

Dias depois, aparece um senhor a dizer que tinha havido engano. Era um citote. Oh terror! E explica. Eu não tinha declarado os artigos tal e tal, disse. Discuti. Combinou-se que viria outro senhor. Veio, e disse por outras palavras o mesmo que dissera o citote. Eu declarei que o bloco estava ali á vista. Que talvez fossem outrora mais os artigos o que actualmente estava numa só peça.

—Veja lá, meu senhor. Dei 40 contos por isto que aqui está. Sizei tal qual. Será êrro dos livros?!

Não era êrro tal. O livro estava certo e eu paguei um suplemento de 900 escudos. Acabou-se. Quando contei esta história a uns amigos, ouvi dizer assim: *Não fôsse burro. Nunca se siza pelo que se compra.* Mas eu antes quero ser burro. O que tenho é mêdo. Isso tenho. E' pelos cabelos que eu entro em tais repartições, se e quando tenho de entrar. Agora o que eu quero é mas é batatas. O que lá vai lá vai.

Uma festa no COLISEU DO PORTO

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA

pirito inédito espectáculo espera sua casa. O telegrama não é assinado por ninguém. Cuido ter sido algum Lisboaeta que já sabe da Casa do Gaiato de Lisboa e que o pronome *sua* está ali a fazer as vezes de ela, Lisboa. Será assim?

Pois eu digo que se Lisboa espera por mim, também eu espero por Lisboa...



verdade, aquela forma de dar vida, serve para todos, e eu que ando em vida... sem vergonha digo do prazer que sinto lendo-o.

Qualquer coisa que eu pudesse dizer referente á obra da transformação que se está operando na alma deste rapaz, seria grosseria; não há palavras. Ela é como o prelúdio de um sonho que a seu tempo se tornará em realidade. Então sim, que o nosso *ateu* de hoje há-de chamar *amanhã* graça, á desgraça de ter perdido a Mãe. Ele já começou a saborear: *quer luz; lê o Evangelho.*

ASSINATURAS PAGAS

CONTINUA a desobriga. Longe de enfilar, os *penitentes* veem mas é todos com o dinheirinho na mão, e que não tornam a atrasar! Ora isto dá gosto à gente. Tenho verdadeiramente pena de não estar à altura de tão bons leitores. Eu já mudei de escritório. Escolhi sítio mais recolhido, mas de nada me vale. Continuo a ser massacrado. Agora mesmo saiu daqui o *Periquito* a pedir licença para chocar 5 ovos da sua garnizé em casa de um nosso vizinho, o senhor Jaiminho de Antelogar, *porque a gente aqui em casa não pode ter nada*. Pois não. Ele bem sabe o que faz ós outros! Quem paga tudo, são os ovos da garnizé... mais eu! Muito gostaria de dar a bons leitores boa leitura. Sim, gostaria, mas não posso.

Nós queremos mais assinantes. Damos do que temos; dai-nos vós do que é vosso. Em troca de leitura pobre, dai também da vossa pobreza. Uma vez que não sois exigentes, também eu não. Aceita-se qualquer coisa em troca do jornal. Que lindo não seria o mundo se todos soubessem estender a mão para dar! Haveria muito menos mãos estendidas!...

Que pena não sinto eu de me ver na necessidade de pedir e pedir. De mim? Não. Não senhor. Pena dos homens, que se não escaldam nem dão fé...! Ora vamos lá, meus senhores.

- Dr. Carlos Chaves, Louro Famalicão, 30\$; Noémia Crespo Baptista, Foz do Douro, 25\$; Justino das Neves Videira Braga, 30\$; Tenente Felisberto de Oliveira Mar. Rebordosa-Baltar, 50\$; Fernão Baptista Marques, Espouende 20\$; Maria Carolina de Lencastre Pereira Leite, Porto, 50\$; Maria Teresa Fragoso, Alhandra, 20\$; Padre Henrique da Silva Louro, Alto Alentejo-Vila Fernando, 20\$; Padre Manuel Valente de Pinho Leão, Gaia Oliveira do Douro, 50\$; Engenheiro Agrônomo Tomás Tavares de Sousa, Anadia (2 meses), 10\$; Cristóvão Fernandes Soares Gomes, Pecegueiro do Vouga-Cedim, 20\$; Dr. Frederico Ramos Mendes, Portimão, 120\$; Jaime F. Cardoso, Lisboa, 50\$; Nunes dos Santos Lda, G. Armazens do Chiado, Porto 50\$; Maria Teresa Mendes Flores Ribeiro, Ferreira do Zezere, 50\$; Amigos da Casa do Gaiato das Minas de S. Pedro da Cova, por intermédio de Vasco Matos Trigo do Porto, 50\$; Teresa Barros Salvador, Porto, 50\$; Maria Antonieta S. de Castilho Lage, Matosinhos, 50\$; Engenheiro José Malheiros da Silva, Porto, 70\$; Engenheiro Armando Oscar Candido Ferreira, Lisboa, 25\$; Maria Luísa Patricio, Lisboa, 25\$; Maria Rosa Athaide, Leiria (2 anos), 50\$; Padre António Serrano, Lisboa, 50\$; Tenente Mario Lourenço dos Santos, Comandante da P. S. P. Co.ilha, 20\$; Maria do Carmo Serrano, Lanhezes Arrancada do Vouga 20\$; Dr. Manuel Silva Elvas, 50\$; António Joaquim Moreira Macedo do Peso-Mogadouro, 50\$; Arnaldo Luis Ribeiro Senhora da Hora, 50\$; Francisco Fernando Moura Pinto, Senhora da Hora, 50\$; João de Sousa, Senhora da Hora, 50\$; Joaquim R. S. Pinho, Porto, 50\$; Manuel da Silva Junior Senhora da Hora, 50\$; Ana Adélia Coelho de Moura Senhora da Hora (2 anos), 40\$; Eurico de Castro Loureiro, Porto, 20\$; Maria Amélia Vidigal, Sertã, 50\$; José Fariña Tavares, Pinhal (3 anos), 70\$; Maria Eduarda Godinho M. rrado Mação, 50\$; Barão de Alvaizere, Vila Nova de Ourém 50\$; Palmira Félix de Faria Socoir, Ferreira do Zezere, 20\$; Maria da Conceição Mendes Godinho, Tomar, 50\$; Maria Violante de Queiroz e Melo, Sernache do Bonjardim, 50\$; Higieno Otho de Queiroz e Melo, Tomar, 50\$; João António dos Santos Saraiva, Sernache do Bonjardim, 20\$.

- Padre Abel Gomes Leite, S. Paio de Oleiros, 25\$; Camilo de Vilhena e Sá, Trofa 25\$; Júlia Trindade, Treixedo Nagossela, 50\$; Maria de Fátima Prazeres-2 anos Vila Real de Santo António, 50\$; Ana Tavares Estima Rezende Espinho, 50\$; Dr. Abílio Tavares-2 anos-Maçã, 75\$; Maria Gabriela Diris de Paiva Lopes, Lisboa, 50\$; Deolinda de Castro Lopes, Viana do Castelo 2 anos 50\$; Dr. Mário Monterroso, Amarante 25\$; Dr. Manuel Ranjel, Porto, 20\$; Menino Adelino R. S. Miguel Bento, Cantanhede, 30\$; Bernardo Coutinho, Porto, 30\$; Dr. Fernando Furriel, Porto, 50\$; Padre Agostinho Gomes, Tomar-Carregueiros 50\$; Engenheiro João Baptista Ferreira Soares, Rio Tinto-Perlinhas, 50\$; Prof. Muis Delgado Castro Vicente, Mogadouro, 30\$; Madam Pillar, Lisboa, 100\$; Maria Júlia Alves de Almeida, Porto, 30\$; Dom Vasco Belmonte Quinta d'Ota-Alenquer 50\$; Baronesa de Almeirim Lisboa, 50\$; Gervásio Machado Tomé-2 meses 50\$; João Manuel Alves Carneiro dos Santos 50\$; Alvaro Burmester Martins, 100\$; Angelo de Sousa Madureira 40\$; todos do Porto.

- Dr. José Rodrigues, Penalva do Castelo, 50\$; Fernando Alberto Ferreira O'ca, 30\$; Joaquim da Silva Pereira, 30\$; Manuel Carvalho da Silva Oliveira, 30\$; Augusto Almeida Freire, 30\$; Maria da Luz G. nçalves, 1 trimestre, 6\$; Fernando Pel-Negro 30\$. Irene Casanova, 30\$; Maria do Carmo Alves, 1 semestre 50\$; todos de Lisboa.

- Dr. Agostinho Vaz Patto Oliv. do Hospital Gramaça 50\$; Eng. José Fortes Borges da Gama Viseu, 100\$; Maria Helena Caravana Lamas d'Oliveira, Lisboa, 50\$; Maria Guilhermina Laroche Semedo, Lisboa, 50\$; Cláudio António Monteiro, 30\$; Alfredo Júlio de Oliveira 30\$; Joaquim Nascimento de Sousa 30\$; António Alves da Silva, 30\$; todos do Porto
- Padre Ramiro Alves dos Santos 20\$; Glória Vences da Silva 20\$; Tenente Coronel José Barbosa Camejo 30\$; Joana Soares Mendes, 30\$; todos de Rossio ao Sul do Tejo.
- Dr. e Prof. Paulo Merça, Coimbra, 100\$; Padre Domingos da Silva, Gemunde-Castelo da Maia, 50\$; Alvaro Velloso Figueiredo, Gemundo-Castelo da Maia, 100\$; Coronel Eng. Luciano Faria d'Abreu, Penafiel, 50\$; José Nogueira Dias, Silveiras Lousada, 20\$; Arminda Nogueira Pires, Cristelo Lousada, 50\$; Miguel Pinto Ribeiro da Silva, Lousada, 20\$; Lúcia Amélia Ramos, Laboreiros Lousada 20\$; Francisco Freire, Sabugal-Soito, 50\$; Padre João Madeira Gonçalves, Cabeço de Vide, 50\$; Bárbara Santa Rita de Azevedo Pais, 1 semestre, Oliveira de Frades, 20\$; Henrique, Augusto Rocha, Setúbal, 50\$; António Gouchi Soares, 1 semestre, Porto, 20\$; Clementina Ribeiro Paupério, Porto, 50\$; Otilia Ventura, 4 meses Estoril, 20\$; Maria Helena Vilas-Boas e Alvim, Fafe, 25\$; Dr. José Rêlo,

Notícias da Casa DE Miranda

Já cá temos um novo cozinheiro que veio do lar de Coimbra. O carêquita que é o ajudante dele estava aqui há tempos na cozinha muito sujo chegou lá a senhora e disse-lhe assim: ó carêquita estás todo sujo só prestas para deitar fora. O carêquita foi-se meter dentro do caixote do lixo e disse: minha senhora já me podem ir deitar fora.

Já se destruíram mais duas camaratas, para continuar as obras. Os que lá dormiam, passaram uns para o moinho e outros para a adega depois de limpa. O senhor P. Adriano foi a Roma, mas em vez dele já cá temos outro Padre que é o Sr. P. Manuel que é de Pombal, e toma muito bem conta de nós.

Precisamos cá muito de um missal para a capela porque o nosso é muito antigo e não tem as missas todas. Pedimos aos nossos benfeitores que façam o favor de o mandar.

Os nossos «batatas» também já são mobilizados para o trabalho. Uns apanham erva outros barrem ruas outros acarretam lenha, etc.

Reuniu-se mais uma vez a nossa conferência no domingo passado. Foram os confrades visitar os nossos pobres que continuam com muitas necessidades. Já conseguimos arranjar mais um litro de leite para o pobre da Estação que vai todos os dias buscá-lo e fica todo contente. Se os nossos benfeitores nos auxiliarem um pouco mais, mais pobres podemos socorrer.

NUNCA TAL

... me aconteceu! Em Lisboa já. Lisboa é a capital, E' a terra dos senhores. Mas no Porto, nunca. Foi o caso de eu ter ido a um escritório pedir para falar com o senhor fulano e o porteiro levanta-se a informar, delicadamente: *E' necessário documentar-se!* Antes mesmo que ele falasse, a mim já tinha parecido mal vêr no Porto um porteiro de dragonas, a marcar distancias à gente! Sim, já me tinha parecido mal. Porém, depois que ele falou, então é que foi: *E' necessário documentar-se!* Oh Porto, que te tens por democratico, deixa falar o povo!



- Anadia 50\$; Vitorino Soares Nogueira, Porto, 60\$; Secção da J. E. C. F. do Colégio do S. Coração de Maria, Lisboa, 50\$; Dr. Valenim Almeida e Sousa, Vila Real, 250\$; Engenheiro António Carneiro, Vila Real, 50\$; Delfina de Matos Tavares, Vila de Rei Pêso 25\$; Maria de Nazaré da Silva Fróis Boafarinha, Vila de Rei-Pêso, 10\$. «Os Gaiatos de Valindo. Caminha, 70\$; Lucinda Emilia Teixeira Coelho da Silva Caldêr-Lamêgo 50\$; Ernestina da Silva Mouteiro, Porto 25\$; Madalena da Camara Leme Faria, Viana do Castelo, 30\$; Dr. Augusto Rêgo, Braga, 25\$; José Célio da Silva, Bombarral, 25\$; Felz António Mil Homens, 1 semestre Bombarral, 50\$; Ana Moreira Vila Nova de Gaia 70\$; Padre Manuel Lima, S. Julião do Monte Trigo, 2 anos 50\$; Joaquina Tinoco Couto de Cucujães, 30\$; Ester Soares de Oliveira, Vila Nogueira de Azite, 25\$; Palmira Lacerdar Penedono-Castainço, 20\$; Maria J sé Mendes Falque de Gouveia, 2 anos, Ferreira do Zezere, 50\$; Maria Antonieta Nogueira Lopes Aleixo Cabeço, 500\$; Ivone de Serpa Viana, 1 mês, Lisboa, 10\$; José Luciano Marques, S. Pedro de Alva 25\$; Menina Mara da Conceição Valente Pereira Vale de Prazeres, 20\$; Padre José Monteiro de Aguiar, Paredes, 25\$; Aloísio Campos, Paço de Sousa, 25\$; Maria José Azevedo Garcia, Mata de Lobos Figueira de Castelo Rodrigo, 30\$; Teresa Celeste Cardoso Cunha Adbarros-Vila da Rua, 40\$; José Maria da Silva, 2 anos, Leiria, 50\$; Julieta Pam Gôrdo, Sanatório da Guarda, 30\$; Padre Antunes Vbranches, 2 anos, Lisboa, 30\$; Dietrich Paul Goeleu, 16 meses, Santo Amaro de Oeiras 800\$; Maria Helena Dias Eliseu, Coimbra, 40\$; Lourenço Pereira de Queiroz, Porto 50\$; Idalina Alves Boal, 2 anos, Porto, 50\$; Maria Lucinda Montes, Porto, 20\$; Luis Guedes, Porto, 30\$; Leonor d'Almeida, Praia da Granja 30\$; Fernando Sá Leão Seabra, Foz do Douro 20\$; Emilia Teixeira da Silva de Sousa, Foz do Douro, 20\$; Elias Adolfo Muniz, Porto, 20\$; António Cruz, Ermesinde, 20\$; Joaquina Marques Nogueira, 30\$; Arnaldo Carneiro, 1000\$; Emídio de Moraes Gomes 25\$; todos do Porto.

- José Duarte Gomes, Espinho, 50\$; Osvaldo Bastos, Foz do Douro 70\$; Maria Eduarda Alegria, Valadares Gaia, 20\$; Professora D. Maria da Conceição Formiga, Vila Verde dos Francos Alenquer, 40\$; Arestides Saraiva de Andrade, Sanatório do Caramulo, 40\$; Ilda Amélia Simões da Silva Póvoa de Varzim, 20\$; 1.º -argento José Martins Carvalho, Entroncamento 50\$; Maria Violante de Queiroz e Mello, Sernache do Bonjardim 100\$; Antenor Mesquita-Quinta do Cruzeiro-Gavião-Famalicão, 20\$; Maria do Carmo Belmonte, Alenquer, 20\$; Antonio Domingos Poças, Valadares 50\$; Maria da Luz Pires Esteves, Abrantes-Rio de Moinhos, 20\$; António de Almeida Henriques, Lisboa, 100\$; Manuel Martins de Moura, Porto, 25\$; Flaviano Esteves, Covilhã 100\$; Rita da Silva Rocha, Porto, 20\$; Diogo Farfaz Guerra e Sá, 2 anos, Porto, 30\$; Maria Piedade Marques Moreira Vila Nova de Famalicão Cruz de Pelo 100\$; Mário de Almeida Lima S. João da Madeira, 50\$; Padre António Brandão, Cedofeita, Porto, 100\$; O'scar Alçada, Barcelos, 50\$; Octávio Neves Dardonato, 2 anos, Lisboa, 40\$; Francisco Pinto Picão Caldeira, Elvas 100\$; Dr. e Prof. Evaristo Guedes Vieira, 2 anos, Lisboa, 100\$; Firmino da Cruz Magalhães Ribeiro, Braga, 20\$; Gervásio Machado Tomé 2 meses, Porto, 50\$; Júlia Calheiros, Viseu 20\$; Irene Beatriz Furtado Barreto Pedrouços, 25\$; Padre António Tavares Martins, Campanhã, 2 anos, Porto, 60\$; Manuel de Figueiredo, S. Pedro do Monte-Viatodos, 100\$; Anónima, Abrantes, 30\$00.

Venda do 86

Tudo esgotado! Os rapazes, no domingo da venda, não poderam servir os seus fregueses, por terem despachado a remessa de vespera! Ora para que tal não venha novamente a acontecer, a gente mandamos fazer mais. Mais exempleres. Aumentar 500 deles à tiragem. Vamos prós trinta mil por caminho certo e seguro.

O publico do Porto, aquêle publico que compra e gosa o jornalsinho, andava ainda a fumar, da festa do Coliseu! Era o rescaldo. Cada rapaz que se aproximava com o jornal, atiava. Eles ardiam novamente: *E ontem. Ontem é que foi!* Senhores afeitos a tomar assinatura, fartinhos de vêr o que de melhor se apresenta nos palcos! De tudo se esqueceram. *A Obra da Rua* suplantou. *Ontem é que foi!* Os rapazes trazem noticias como jamais. Trazem dinheiro. Trazem assinaturas novas. E' que se viu uma obra de assistencia conforme está na alma da gente. Rapazes em sua casa. Rapazes à vontade. Rapazes tais quais. Tal na tela qual no palco, aqui. Nós somos a Verdade. No dia seguinte ao da festa, passava eu nos quintais ao pé do nosso cebolal. Estava ali uma chusma a catar ervas ruins e entre eles o *estrela* maximo daquela noite. O *General* das castanhetas humilde, anónimo, orfão,—catava como os mais. Ele não deu fé do bem que ontem fizera às almas,—por ser a verdade. Nós não damos fé do bem que fazemos no mundo, pela força da sinceridade. Oh verdade, quem soubera procurar-te!

Os milhares de espectadores viram naquela hora uma obra social conforme a teem escrita na alma, digo, daí o suspirar. Viram uma obra nitidamente cristã. Foramos nós do teor dos mais, que teriamos levado ao palco? Uma data de meninos fardados e medrosos. Eis. As palmas seriam favor. A assistencia, cortezia. Quem mais se lembraria do que viu e ouviu? Mas não. Nós somos o que somos. Quem pode esquecer o que viu e ouviu na noite de 13 de Junho?!

Provou-se o êrro nos sistemas de amparar o pequenino moicante: *Nós eramos dum asilo*, ouviu-se ali dizer a um grupo dos hoje nossos. *O's tantos anos saímos. Andavamos por lá e fomos ter à Casa do Gaiato. A' nossa casa. A' casa de todos os rapazes que não teem casa.* Chorava-se de alegria. A verdade! Tudo quanto se faz está errado. Errar em matéria importante, assuntos vitais! Decretar erros a bem da nação. Aos tantos de idade vai prá rua quem sómente tem de seu a Rua! Isto no que toca a estabelecimentos do Estado. Nos pariculares é na mesma, por força dos estatutos. Como se isto não bastasse, junta-se a peste das heranças, os fundos de reserva, os jurinhos dos papeis,—tudo desgraças. *Nós eramos dum asilo.* Hoje são duma obra deles, por eles, para eles. Nem heranças, nem fundos, nem juro, nem decretos, nem outras pragas do estilo. Mas agora noto eu que sai do trilho. Fugi ao assunto.

Em vez de falar da venda do 86, ponho-me mas é a doutrinar. Ora regressemos. Sim. Tudo esgotado. Os quatro vendedores que vão de de Paço de Sousa—o *Pastelão*, o *Zé da Cozinha*, o *Planeta* mai-lo Abel, estes quatro, digo, são pimpões. A' sua parte, despacharam pra cima de mil *Gaiatos!* Os de Paço de Sousa querem tirar a camisola amarela ós do Porto. Os do Porto não a querem largar. Vamos a vêr.



Visado pela Comissão de Censura

ISTO É A CASA DO GAIATO

COMO vinha a dizer em o numero anterior, o Carlos Inácio, assim chamado na pia do batismo e aqui o *Pastelão*, tirou alface de sobre a meza dos senhores, na ocasião em que os servia, e deu de comer a um grilo que trazia na algibeira, dentro de uma caixa de fosforos. O rapaz leu o jornal. Viu a noticia. Notou que eu a classificara de *um abuso* e corrigiu-se. Ontem era cerejas. Cerejas à sobremeza, dentro de uma canastrinha de vime, tudo muito engraçado e apetitoso. Carlos Inácio, põe a canastra e vem de volta segredar, com muito respeito, se podia pendurar cerejas nas orelhas. Claro esta que sim. Carlos Inácio, vai num instante à canastra, adorna-se de cerejas e continua na sua tarefa. Toma as mãos do senhor Joaquim e leva-as às orelhas: *olhe*. E o senhor Joaquim *olhou* com os dedos. Ele é cego. As cerejas batem-lhe no rosto. O rapaz estoura de alegria, tanta, que deseja reparti-la por um seu amigo ceguinho! O serviço de meza corre, impecável, até ao fim. Meus senhores e mihas senhoras. Nestes pequeninos nada, prova-se doutrina revelada do *agora já não há servos nem há senhores, mas somos todos irmãos*. A menos que seja perverso, não há servo que se aborreça ou revolte contra o seu senhor, se e quando ele sente que é um irmão na comunidade, por também ser servido. Que há no mundo que eu não faça por estes serventes de mesa?! Que há no mundo que eles não façam, para nos servir a nós?! Que vem a ser a deliciosa sem-cerimónia dos grilos e das cerejas, senão somente a realização tal-qual do Evangelho, na sua espantosa e formidável simplicidade?!

Isto além de ter marcado mais um tento na *ordem e disciplina* da nossa casa. Sim senhor. *Pastelão*, não abusou, como quando foi da alface pró grilo. Então, não deu cavaco. Agora, pede licença. Viva o progresso da Casa do Gaiato!

ESTAMOS actualmente a braços com a tralalhada máxima dos nossos serviços internos: a questão de visitantes, cicerones e donativos. Trez elementos difíceis de congraçar. Ele já aqui foi dito de uma tentativa, que era a nomeação do Avelino e do Alfredo a tomar conta das ofertas, e a obrigação de os cicerones darem conta aos *dois fiscais*. Sim. Já aqui se disse. Porém, do dizer ao fazer vai um mundo. Um não. Vão muitos mundos. Cada rapaz é seu mundo. Ora ontem foi domingo. Eu saí. Jantei com a malta ao meio dia e fui assistir ao jantar da malta do Porto, que ali é um nadinha mais tarde. Encontrei tudo em ordem. Trinta rapazes a rilhar, entregues aos cuidados do seu chefe eleito, naquela *ordem* de que são capazes. No regresso a Paço de Sousa, sou *assaltado* por cicerones com dinheiro nas mãos: *O senhor disse-me que não entregasse a mais ninguém senão ao sr. Padre Américo*. La recebendo de uns e doutros, a fingir que acreditava em todos, mas a mentira deles era tão piedosa, que me faltavam as forças para reagir! *O senhor não disse; não tinha dito nada*. Eles é que sentiam a necessidade de entregar pessoalmente; tocar nas minhas pecadoras, com as suas próprias mãos, o donativo do visitante. Eles arfavam: *olhe aqui 500\$!* Subo acima ao meu escritório e daí a nada entram os *dois fiscais*: *estamos muito desanimados. Ninguém entrega dinheiro a nós. Ficam mas é com ele para entregar a si*. Com seu livro de apontamentos, seu lápis muito afiadinho, tudo no seu lugar, menos os cicerones. Não sei que faça.

Eles são cento e quarenta desordeiros.

MAS nem tudo são flores. A deslealdade é do homem. Bem me custa dizê-lo, mas temos cá desleais. *O Molestia*.

O António Martins, nome que trouxe para a aldeia, recebeu há dias 5\$00 e foi comprar rebuçados. Compareceu em tribunal. E' nosso há quase 3 anos e não tem caminhado nada. E' um ponto difícil. Há tempos fugiu e andou por lá um mês. E' o *Molestia*.

HOJE deu-se aqui um encontro entre o *Pirulas* e o *Pastelão*, quando estes se encontravam no uso das suas funções, e aqui é que está justamente a gravidade. Um é servente da mesa dos *senhores*. Outro, da mesa das *senhoras*. Ora foi quando serviam, que brigaram. Tivera sido na hora do recreio e eu nada dissera. Causa da briga? Uma coisa muito simples e muito importante. *Pirulas* sabe que *Pastelão* é do Boavista. *Pirulas* trazia o Caiado no bolso, vai ao pé do *Pastelão* e rasga-lho na cara! *Pastelão*, tinha feito aqui um grande comício acerca do Boavista aonde enalteceu o Caiado, por isso levou muito a mal a brincadeira do *Pirulas*.

COMUNICA-SE aos nossos estimados leitores, que o *Sapo* tem estado no leito, com uma creadela. Passou da casa três, aonde habita, para a entermaria do nosso hospital, aonde hoje se encontra. Foi um dia de manhãsinha. Foi uma procição. Como não temos maca e o *Sapo* não podesse colocar o pé da creadela no chão, teve de fazer o percurso ós saltos. Ninguém se aproximou! O *Sapo* é um grande refilão. Azeda tudo e todos. Arma zaragatas. Acusa. Atira calhaus. Ora quem semeia ventos, colhe tempestades. Assim como fizeres assim acharás. Que o João Maria da Murtosa, é este o nome do *Sapo*; que ele leia e se aprume.

HOUVE aqui um aviso solene ao jantar, á laia de tribunal. A hora dos tribunais é á noite, mas não se esperou. O caso urgia. Foi que os chefes do campo apresentaram na mesa, diante de si, pratos com alface tenrinha e pediram azeite aos refeiteiros. Eu dei fé. Mandei retirar imediatamente a vianda e no fim da refeição tomei a palavra. Estavam todos. Escutaram. Disse que os chefes estão postos em autoridade para ver que todos comam por igual das coisas da nossa quinta, e não para comerem eles sozinhos. Que em se verificando a necessidade de mondar alfices, vai um ao campo, enche cestos, passa aos cozinheiros e estes fazem uma refeição para todos. Frizei bem o *para todos*. Nós aqui somos comunistas, disse-lhes eu. Somos os verdadeiros comunistas. Repartimos. Comemos todos. Os chefes a comer e os mais a olhar, como se estavam a preparar para fazer com a alface, naquele dia! Aonde é que se viu? Como poderia eu deixar fazer tal coisa? Seria um comunismo igual ó dos tais comunistas. Ora isso não quero eu. Essa doutrina é falsa. E' tão agradável e tão humano isto de cada um pensar e tratar da sua pessoa e bens, que a gente tem de levantar a mão a toda a hora: *alto lá!*

De uma vez, tive necessidade de consultar um médico, isto há 27 anos. Era um grande consultório em um grande edificio. Uma enfermeira tirava o nome, marcava audiência e recebia cem mil reis. Cem mil reis de então! Eu tinha trocado libras em oiro a 8\$30, muito contenté pelo negócio. Quantas libras em oiro não havia naquela nota! Os tempos andaram. Não pensava então como hoje penso. Não se me dava a mim, também, das angustias sociais, ocupado com as minhas libras em oiro e a minha preciosa saude. Hoje não é assim. E por isso é que, passando como muitas vezes passo, ao pé do grande edificio e sabendo que o mesmo senhor doutor continua ali ocupado na sua tarefa de receber. E' por isso que, ia eu dizendo, tenho procurado saber de qual-

quer obra social realizada por ele a favor dos que precisam, e nada me consta, além d'aquela a que se dedica:—Vinte e sete anos a receber. Talvez já recebesse há outros tantos. Quantos terá ainda para receber. Para quem? Médicos. Advogados. Sacerdotes. Industriais. Comerciantes. Para quem? Ele é tão humano e tão agradável. Começa-se por um prato de alface! Não pensava naquele tempo na angustia dos problemas sociais. Por isso mesmo é que eu prego a este cisco das ruas. Tem graça que há muita gente, por eu pregar, a enviar-me cartas enaltecendo e procurando convencer-me do seu partido, do seu sistema, da sua doutrina reudentora. Todos querem que eu seja deles e eu sei porquê; eles não sabem. E' que eu não sou de ninguém. Eu sou de Cristo Jesus. Do Homem Crucificado. Do Homem que afi mou até á Cruz, e este Homem é Deus verdadeiro.

COMO não tivesse visto pela aldeia o *batata velha*, perguntei, e soube. Está no hospital com duas creadelas. *Dois creadelas nos pés*, disse o enfermeiro. Creio ser uma em cada pé.

CHEGOU agora mesmo do Porto o *Porto*. O Zé Eduardo. O turbulento mór. Acaba de fazer seus cumprimentos e vai logo direitinho ao que pretende:—Posso ir ver as cerejeiras?—Pra quê?—Ver se estão carregadas! Foi ver as cerejeiras. Eu cuido que ele já saiu do Porto com ela fígada, por isso, aqui na aldeia, ao pôr o pé na quinta, logo pôz os olhos nas cerejeiras: Dantes, roubava cerejas. Agora, pede cerejas! Tira primeiramente da rua o rapaz que nela mora, e só depois é que farás dele um homem!

ONTEM subia eu as escadas, de dar a derradeira vista á vida da nossa aldeia, no intuito de me recolher. Eram dez e um quarto da noite, ou vinte e duas e quê, pra falar á moda dos tempos. Ao passar por um dos quartos de hospedes, noto o Miguel empoleirado na gavêta fundeira de uma comoda, que para isso puxara um nadinha fóra, e a espreitar para dentro do gavetão cimeiro, aonde punha toda a sua atenção. Assomei á porta e deixei-me ficar. O Miguel não dava fé. Espreitava qualquer coisa. Perguntei. E' *grilão*. São os *grilos do Tiroliro*. Aproximei-me. Estavam efectivamente dentro da gavêta dezoito grilos contadinhos por mim, e esta extremada de migalhas de pão e erva dos campos. Este quarto é o melhor da casa. E' conhecido por o *quarto do Senhor Bispo*, porque duma vez veio estar conosco um Bispo e ocupou-o. Tanto bastou para lhe darem o nome da pessoa. O quarto do Senhor Bispo. Ora aqui é que vem o atrevimento do *Tiroliro*. Fóra ele outro aposento e tudo estaria muito bem. Mas vancos que nos chegasse um senhor de categoria? Indicava-se-lhe, naturalmente, aquele quarto: E' o melhor da casa. E depois? Dezoito grilos a cantar pela noite fóra, tanto mais que alguns deles eram *cantadores*, assim affiançados pelo pastor que os negociou! Que fazia o nosso hospede se tal desgraça acontecesse? Que iria ele dizer de nós? Ainda bem que, sendo muitos os visitantes, os hospedes são muito raros.

ONTEM foi dia do Corpo de Deus. E' um dia santo. A' estação da missa, preguei aos rapazes o mistério. Eu peço muita desculpa aos meus leitores de me ocupar de mistérios e coisas *obscuras*, em plena idade de progresso e luz. A derradeira que agora anda nos jornais, é a noticia de cartas explosivas! Isto

sim. Isto é que é progresso e luz. Ora nós, retrgrado que somos, tomamos a doutrina d'aquêle tempo, e toda a minha pena é de a não compreender nem sentir á moda dos primeiros apóstolos, para assim, como eles, a fazer sentir e compreender. Seja pois como fór e o melhor que me foi possível, eu disse ós rapazes todo o meu desejo que eles se encham de vida, para dar e comunicar a vida. O Pai Celeste, *divens*, mando o seu Verbo ao mundo — *Vida*. E deseja que os homens O comunhem por causa daquela vida. Esta é a vida verdadeira que se comunica e que se dá, uma vez que estejamos cheios dela. Os rapazes escutavam. Sim, continuei. Ali no refeitório também comeis o pão que dá vida. Falei dos *Batatas* ali presentes, tão pequeninos agora e daqui a alguns anos tamanhos como vós. Porém aquela vida que lhes vem do pão que faz o Rio Tinto é deles. E' só para eles. Não a podem dar a ninguém. E no fim de muito crescer e de muito engordar, morrem. Não assim com o Pão Celeste. Quem comer dele tem em si a vida. Sem dar fé de tal, comunica a vida ás outras almas. Dá *aquela* vida alimentada com *aquêle* pão.

HOJE de madrugada andava barulho na cozinha. Que era? O cozinheiro de semana tinha-se levantado para aquecer café e servir os rapazes do campo. Estes, por via do calor que tem ido, resolveram começar a lavrar geiras ás 3 horas, e assim foi. Os grandes! Os grandes a deliberar! Os grandes a agir! Que riqueza não anda por aí nas entulheiras; riqueza verdadeira, que tu desprezas, ó mundosinho, por amor á tua riqueza... falsa!

HOJE apareceu-me aqui o Melgaço muito desconhecido. Que tinha sido? Uma excursão. Uma grande excursão que cá veio de gente de Felgueiras, de que ele foi um dos cicerones, e vai a excursão estava com muita pressa e não quiz ir ver os bois! *Não quizeram ir ver os nossos bois!* Este rapaz que é tão formoso, que fala tanto com os olhos, trazia neles a eloquencia da tristeza. *Não quizeram ver os nossos bois!* Oh excursionistas. Oh visitantes. Mais do que as vistas da aldeia, vale cada um dos seus pequeninos habitantes. Amai o que eles amam! Ide vêr os bois. Consolai.

MAIS VIAGENS

Desta vês foi ida por volta, á *mui nobre*, como agora se diz de Lisboa. Tomei em Cête a ligação do Rápido. Avelino e Julio, estavam em S Bento á minha espera, com um recado, consoante previamente se combinara, mas quê. O comboio vinha atrasado! Em Campanhã, gemi a minha situação a um funcionário da C. P. *Olhe que não tem tempo de ir mais longe. Espere aqui o rápido*. Mas eu tinha os dois rapazes á minha espera. Tornei a gemer. Não foi preciso mais nada. O funcionário fala ó maquinista. Este apita. O Comboio parte! Tal a força de sua excelencia a Creança que até os comboios marcham! Estavam os dois com as coisas que lhes pedira. Entregaram, a corrêr: *olhe que já vai andar!* Andou. Tomei o meu lugar que desnecessariamente fóra marcado. As coisas mudaram. Os corredores são, agora, para passear e não para estar, como ainda há pouco acontecia. Viam-se senhores instalados ó comprido, pés sobre um jornal, a dormir. *Sleeping carr*.

Tóca prá segunda mesa. Lá vou eu. Era um prato de peixe, um dito de carne e fruta. O pão, continua na mesma. Os bons costumes são de conservar... Vem a metade do estilo em corte longitudinal. E' mais chique. Quem quizer pede e dão mais, sim—mas é preciso pedir! Ora eu gosto de vêr muito pão á minha frente. Do resto não se me dá, mas de pão, sim. Gosto de quadraçar uma borôa das que faz o *Rio Tinto* da nossa casa e dizer á malta: *Até tendes; comei. Tanto, que sobramos cestos e cestos dele, como nos revelou o Evangelista, naquela maré em que o Mestre deu pão aos que tinham fome*. A Pobreza é assim. Dá sem fingimento. Oh mentira do corte longitudinal! Miséria doirada! A mesa era de dois lugares. O meu companheiro pede vinho da casa. Na garrafinha dos 3 decilitros vem um rotulo a dizer *gratis*. O senhor viu aquilo e refilou. *Qual gratis. Eu pago. Nós pagamos esse vinho*. E ripou, ripou, ripou. Eu estava consoladinho de o ouvir, sem nada dizer. Deixei o pandeiro em mãos de quem sabia. Sim. Nós pagamos aquele vinho. Pagamos o pão cortado. Pagamos todos os berloques que aparecem na mesa,—e até pagamos o serviço ó pessoal! Parece que aquilo é uma sociedade anonima e internacional, duas coisas de meter medo á gente.

Tempo antes estivera em uma estalagem da nossa terra. Pernoitei. A dona era quem servia. *Olhe que isto não é pra ficar no prato. Coma tudo*.

Comida nossa, pão do nosso, tão cristamente servido pela senhora Engracia da Portela, que bem poderia tomar-se á conta de obra de misericórdia, que não um negócio de porta aberta. Assim também eu gostava de ter uma estalagem! O Rápido portou-se á altura do seu nome. A' meia noite já eu estava a lavar a cara com sabão que costume levar. Nos hoteis não há sabão.

O dia foi prá romaria. Já se sabe o que fui ali fazer e por onde andei e o que me disseram. Já se sabe. Á viagem a seguir, conto ser a Alcanêna e a Santarém. Parece que desta vez é certo.